

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.735

Terça-feira, 22 de Julho de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Andares—LISBOA—PORTUGAL

TELEFONE—5339-0

Officinas de impressão—Rua da Atalaya, 115 e 117

A Moagem, não contente em envenenar o povo, pretende reduzir os seus operários à vexatória situação de escravos.

O barómetro da politica

ANUNCIOU ANTEONTEM, NO BARREIRO, VENTOS RADICAIS PARA MUITO BREVE

José Domingues dos Santos, ex-padre, ex-anarquista e quasi... ex-democrático fez uma conferência radical, falando dos seus "sacrifícios" e prometendo pão e liberdade

Quando a linguagem dêste político, que está sempre com o mais forte, apresenta aspectos esquerdistas, é porque realmente o caminho é para as esquerdas...

Há homens que são para a politica, o que os barómetros são para o tempo. E' tal a sua sensibilidade que meses antes da politica mudar de feição marcam a sua mudança como os preciosos barómetros as variações da atmosfera.

De ante-ontem para ontem, o barómetro anunciou vento rijo do Norte, com polvilhado de nuvens e tempestade de ventos. E o sr. José Domingues dos Santos—o barómetro da politica—anunciou ventos radicais num comício realizado no Barreiro.

José Domingues dos Santos falou de reformas para os operários gastos no trabalho, de casas para os pobres, de medidas violentas contra a cléricalidade, de ataques decisivos à finança insaciável, de pão para o povo comer. Bons pronunciamentos, toda esta eloquência do ex-padre José Domingues, que quer dizer que a face da politica, mais tarde ou mais cedo, vai apresentar-se radical.

Há meses, quando éramos só nós a lutar pela liberdade, a arriscar a cabeça numa luta contra um inimigo oculto e poderoso, a ditadura militar, o sr. José Domingues dos Santos não era radical. Os ventos, então, não corriam do feição.

Agora que o ambiente na Europa favorece as esquerdas; agora que o triunfo dos trabalhistas em Inglaterra e dos radicais em França parece seguro; agora que Mussolini perdeu o seu prestigio e Primo de Rivera está embarcado na escolha duma porta por onde possa fugir airoso; agora que é tão fácil dizer-se uma pessoa esquerdista, o sr. Domingues dos Santos fala e diz coisas vermelhas.

Nós sabemos que o sr. José Domingues dos Santos é, politicamente, um homem desacreditado—mas sabemos também que, por esse motivo, esse politico procura sempre encostar-se ao partido mais forte, à corrente de opinião triunfante ou em via de triunfar. Esta facilidade de adaptação, constitui para nós um valioso elemento de destruição do ambiente politico—tão valioso que, se o sr. José Domingues dos Santos, entrasse amanhã, sorridente na nossa redacção e, abraçando-nos comovidamente, nos dissesse: «Estou comvosco!»—nós delirávamos de alegria, não devido à adesão, mas porque teríamos a certeza de que dentro de muito pouco tempo estaria proclamada a Revolução Social.

Deveria, porém, o leitor acautelarse—e teria grandes razões para andar apreensivo—se o illustre conferencista do Barreiro, surgisse subitamente emparelhado com os monárquicos, porque certamente a monarquia não se faria tardar em Portugal.

Certas avos de rapina possuem um olhar tão penetrante, tão forte que descobrem a distancias e alturas fantásticas a presa que melhor agrada ao seu apetite. O sr. José Domingues dos Santos faz-nos lembrar essas avos de rapina—mal comparado, é claro... Cheirou-lhe a cadáver, descobriu lá do alto uma nova presa, e não a largará.

Ora vamos dar aos nossos leitores uma amostra da mercadoria que o radicalissimo José Domingues, vendeu na outra qanda, isto é, um pedaço do seu discurso: Sempre o meu peito bateu em defesa da Liberdade! Sempre na honra do perigo os seus inimigos me encon-

traram pela frente! Quando da situação de zombista, lutei e protestei contra a ditadura. Sofri então, lançado para o fundo de uma masmorra, as maiores torturas e as maiores afrontas que já me julguei sofrer. Quando os liberais da minha terra andavam, muitos deles, fugidos e perseguidos pelos montes, houve uma voz que se ergueu do fundo das prisões. Essa voz foi a minha! Mas que importa quem eu sou! Que importa a mão que empunha uma determinada bandeira? Mais do que eu, importam os princípios que defendo, que não são novos mas estão esquecidos. Tenho a meu lado a reacção contra o marasmo em que vivemos; do outro estão os inimigos da República e da Liberdade. Unamo-nos para os vencer.

Este bocadinho do ouro, simbolo da modestia do sr. José Domingues dos Santos deve ser lido com prazer por aqueles que foram traídos, quando da monarquia do Norte...

Outro pedacinho precioso. Este foi pronunciado pelo republicano radical de última hora, no momento em que bebia uma pinga num lanch que foi oferecido ao convidado após a sua conferência do Barreiro.

Entre amigos como estamos, se me perguntarem quem sou, o que quero e para onde vou, dir-lhes-hei que sou um homem que tem medo de perder todos os amparos e pela vida fora vem labutando honradamente. Em Coimbra, estudei dando lições para comer e estudar por que nenhuma mesada tinha. Há quem diga e marque como recente a minha vinda para a República. A esses eu poderia dizer que, em verdade, se alguma vez

o meu espirito não esteve ao lado da República é porque enfileirava à esquerda dela. Nos bancos da Universidade fui, como tantos, anarquista. Não clamo o meu republicanismo, mas os estudantes republicanos de então, perante as dificuldades surgidas no 28 de Janeiro, sabem bem que foi na casa do então calouro e pouco conhecido José Domingues dos Santos que eles se esconderam!

Confessou entre amigos que fora anarquista—agora é republicano, e também já foi padre. Mas para que falou o sr. José Domingues dos Santos no seu anarquismo? Para que o povo confie na sua firmeza de opiniões?

Mas o Alfredo Pimenta também foi anarquista—hoje é monárquico e nas horas vagas, Oscar Wilde, Mas o sr. Anibal Soares, actual director do Correio da Manhã, também foi anarquista e apedrejou a rainha.

Para que diabo teria falado o sr. José Domingues dos Santos no seu anarquismo? Que significará aquela recordação?

Acreditem, leitores amigos, que o sr. José Domingues dos Santos é na sociedade portuguesa uma das pessoas mais úteis. Porque tenha prestado serviços ao país? Onde estão eles? Porque tivesse feito qualquer descoberta científica. Não. Porque exerça qualquer labor necessário à colectividade? Ainda menos. Porque, então?—perguntará o leitor.

Por uma razão simples: se não existisse, não saberíamos neste momento que as correntes esquerdistas da politica tendem a predominar.

Uma condenável hesitação

Porque não manda o actual governo pôr em liberdade os operários vítimas do ministério transacto?

Ainda se encontram no presidio da Trafaria, os operários a quem o acinte do governo transacto, mandou buscar pela policia, ás officinas onde trabalhavam e ás casas onde viviam com suas famílias. Debalde, o proletariado tem protestado contra a tremenda iniquidade cometida. A sua voz, a exprimir a justiça, a pesar da sincera e profunda indignação que ela afirma, contra uma violência sem nome, ainda não foi ouvida.

Não se compreende a razão de tamanha demora em soltar as vítimas inocentes que estão expando as consequências dum odio estúpido e vago. Há hesitação que fazem pensar e esta que prolonga uma iniquidade, faz pensar e com amargura triste, que os governos constituídos por A ou chefiados por B, apenas diferem nos nomes, visto todos eles incutirem o mesmo odio aos que trabalham.

Não existe, ao menos a coragem de dar ao público, qualquer dos politicos, tomar a responsabilidade do desprezo a que têm sido votados os mais elementares direitos dos operários; direitos que não constituem o favor visto terem sido conquistados em belos e energicos movimentos pela classe trabalhadora.

Auto-entem, numa sessão de propaganda politica, foi disant esquerdistas realizada no Barreiro, um dos ordores o dr. sr. José Domingues dos Santos foi duramente interrompido por constantes apertes que partiam da assistência. Por meio desses apertes acusava-se o dr. sr. José Domingues dos Santos de pertenc-

er ao ministério que ordenou as prisões arbitrárias, sem accusação concreta, sem culpa formada de dezenas de operários. Que respondem eles? Solidariar-se com o governo a que pertencem? Procurou sequer justificar as perseguições levadas a cabo? Nada disso. Sacudiu a água do seu capote, poz de fóra, que não, ele não era culpado dessas perseguições nem de resto concordava com elas. Se se fosse perguntar a qual, quer dos membros do governo transacto, porque se praticou o estúpido erro de perseguir inocentes, a sua resposta seria a do dr. sr. José Domingues dos Santos: que não, que eles não tinham sido culpados dessas perseguições e até ellas tinham divergido.

Esta falta de coragem em se assumirem responsabilidades duma perseguição nostra bem a falta de convicção com que ela foi resolvida. E coisa curiosa: todos os que, agora, em público repudiam responsabilidades não deixaram de solidarizar-se com o ministério que levou a efeito as perseguições.

Quando os perseguidores negam em público a sua obra, não se compreende que o governo actual não proceda duma maneira decisiva restituindo à liberdade os operários presos na Trafaria.

Da esquadra do Beato, onde esteve incomunicável durante bastantes dias, foi transferido para a enfermaria do Looeiro, em virtude de se encontrar doente o operário Fausto Teixeira, uma das vítimas das perseguições governamentais.

DONATIVOS PARA A BATALHA

Uma interessante carta dos operários fardados

O proletariado prossegue contribuindo com o seu «bulo» para a Batalha respondendo assim ao nosso apelo. Temos recebido inúmeras cartas, que nos dão esperança em melhores dias. De entre ellas destacamos a que publicamos, e a qual muito nos sensibilizou:

Camaráda redactor:—Um grupo de cabos e soldados telegrafistas, na sua qualidade de trabalhadores, a quem a vida da caserna, impede neste momento de ser útil à colectividade, impedindo-o de exercer o seu labor nos campos e nas officinas, não podia ficar indiferente ao apelo do órgão dos trabalhadores, o jornal que soube lealmente reclamar a amizade para os soldados e o único que verdadeiramente defende os interesses do proletariado ao qual se honra de pertencer e para o seu seio aspira voltar.

Assim, camaráda redactor, aproveitamos a oportunidade, enviando 14\$00 em favor de A Batalha, para nos dirigirmos aos nossos camarádas do exterior a lembrar-lhes o seu dever de secundar o nosso gesto, contribuindo com a sua cota-parte para o único jornal que se faz cotista ou hipocrisia sempre se tem encontrado na brecha em defeza dos pequenos contra os grandes, peijando pela justiça contra a iniquidade. Aceite, caro camaráda, Fraternais Saudações Libertárias. Um grupo de cabos e soldados telegrafistas.

Ver o folhetim na 4.ª página

O combate do Parque Eduardo VII

Mais funerais

Os feridos que se encontram internados na enfermaria C. I. A. B. do hospital de Santa Marta estão no mesmo estado. Desta enfermaria teve ontem alta o cabo n.º 98 da 16.ª esquadra, Honório Narciso.

O soldado da G. N. R. que está em tratamento na enfermaria de São Francisco do hospital de São José, continua no mesmo estado.

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. sr. Alfeu da Cruz e peritos drs. sr. Ferreira Marques e Neves Sampaio, effectuou-se ontem, no Instituto de Medicina Legal, a autopsia de Maria Alice de Oliveira e do soldado n.º 51 da G. N. R. Os funerais effectua-se hoje, pelas 12 horas.

O cadáver do civico que se encontra na casa mortuária do hospital de Santa Marta deve ser hoje removido para o Instituto de Medicina Legal onde será autopsiado amanhã.

O funeral effectua-se depois de amanhã.

A Moagem contra o operariado

A Companhia Nacional de Alimentação, que é um Estado dentro do Estado, impõe aos seus operários um regulamento vexatório

E' preciso lutar contra esse monstro capitalista que envenena o povo e rouba os trabalhadores

PORTO, 21.—As classes que não estão isentas das brutalidades da Companhia Nacional de Alimentação, têm, de certo modo, acompanhado o pouco que temos dito acerca do cadastro inominado que aquella roça pretende impor.

E como a nossa critica vai interessando os mesmos áqueles para quem somos pouco amáveis, mercê da sua repulsa a atitude de covardia—mãos «caridosas» fizeram-nos chegar à nossa posse um exemplar nitidamente impresso do «novo» regulamento geral da sempre dita Companhia Nacional de Alimentação.

E' datado do dia 1 do mês corrente e assinado por—A Gerência.

Na alinea d, do artigo 1, lê-se muito explicitamente: «No acto da admissão todos são obrigados a apresentar duas fotografias, tipo passe, uma de frente e outra de perfil. (Estas fotografias podem ser fornecidas pela Companhia sem despesa alguma para os interessados, bastando para isso pedir no escritório, com a requisição que para este efeito já existe).

No regulamento não existe qualquer disposição que explique que a sua doutrina coerciva tem efeitos retroactivos, vez por vez se observa nas próprias leis do Estado.

Supunha-se, pois, que semelhante aborrio não se destinasse ao pessoal admitido anteriormente ao ukase moderno, mas ao que novicemente se fosse apresentando. Vai a legitimidade de toda a revolta do pessoal de biscoitos e bolachas, revolta que mais se agrava com a indigna circunstancia do gerente da fábrica exagerar, por sua conta e risco, o estatuto na referida alinea d).

Esta só exige duas fotografias, uma de frente e outra de perfil. Mas como a alinea d, deste ditatorial decreto da patrão moagemista tem um excelente capção, o gerente atrevidamente força a que o operário ou operária lhe forneça mais particularidades individuais, profissionais e sociais...

Mas todo o regulamento é uma burla, um despolismo, uma infâmia, indo até de encontro às leis vigentes do país. E' que a moagem é um polvo cujos tentáculos estrangulam todos os direitos das gentes portuguesas...

Pelo regulamento geral da Companhia Nacional de Alimentação todo o pessoal só tem deveres e não direitos: tem de obedecer cegamente, executar de obediência os seus ordens, e a mais leve discussão—como cesarear—determina a alinea a) do artigo III.

O operariado, pois, da antiga Portu-

gal e Colónias é um verdadeiro autómato, um autêntico escravo dentro duma caserna, cumprindo servilmente todas as ordens, ainda as mais absurdas e indignas...

E é assim que é coagido a apunhalhar o horário das oito horas. Porque o regulamento em questão foi também elaborado para anular uma lei da república. A Confederação Patronal legislou nos seus meandros o horário normal de trabalho de onze horas, convidando a moagem, por ser a entidade mais forte que brinca com o Estado e a lei, a fazer-lhe cumprir nas suas fábricas.

E' por isso que a Companhia Nacional de Alimentação elaborou esta alinea a) do artigo II: «O horário normal de trabalho será de onze horas, isto é, das oito às vinte horas, excepto no sábado que será apenas de oito horas (das oito às dezasseis horas), havendo em qualquer dos dias, e ao meio dia, um intervalo de uma hora para a refeição.

Para se avaliar melhor, porém, das condições degradantes do pessoal que trabalha nas gals da Companhia Nacional de Alimentação, e para melhor se conhecer da exploração desenfreada que a Portugal e Colónias exerce, basta transcrever estas duas significativas alíneas do capítulo *Condições de admissão do pessoal*.

«f) Se por qualquer circunstancia estranha aos seus desejos, esta Companhia for obrigada a reduzir o número de horas de trabalho, o pessoal não terá direito a qualquer reclamação, seja de que natureza for.

«g) Se, por qualquer motivo de força maior, o pessoal for obrigado a trabalhar mais algumas horas, além das estabelecidas no horário, este espaço de tempo não será considerado como extraordinário e, como tal, o pessoal só terá direito ao salário—hora normal que disser respeito ao número de horas que trabalhou.

«Então estas duas disposições, velhas e novas, escritas em linguagem de preto, não representam o mais puro escravagismo, a mais estúpida ladrocinha, a mais infamante patifaria?

A vândalica Companhia, se lhe apetece, obriga o seu pessoal a trabalhar 15 e 16 horas consecutivas—sem respeito pela lei legal das 8 horas, sem respeito pela lei legal da protecção às mulheres. E, ainda por cima, as horas a mais são pagas pelo mesmo preço das horas ordinárias.

Para a Companhia o trabalho ordinário para o operário não presta e paga-lhe mal, para ela é duma grande vantagem e vende-se ao publico por coiro e cabelo... levando-lhe montanhas de dinheiro...

Depois, se lhe convier uma escassez para uma condigna alta de preço—embora os lotes estejam abarrotados—ordena uma menor intensificação de trabalho, porque a alinea e), do artigo I, determina que «o salário será estabelecido por hora de serviço.

Des'arte, a melhor regalia que o regulamento confere ao seu pessoal, é esta:

«h) Em caso de doença que não seja motivada por acidente no trabalho, o pessoal não tem direito a remuneração alguma.

Na alinea a) do artigo I, a nefasta Companhia de esmofação nacional declara terminantemente que «o poderio ser admitidos indivíduos de reconhecido bom comportamento moral e civil, saudáveis e robustos»—para trabalharem estupidamente durante uma penosa permanência duma infinidade de horas pesadamente remuneradas, a fim de enriquecerem os moagemistas.

E depois de esfalfados pelo labor contínuo—rua... Isto não é acidente de trabalho. Quando saudáveis, bestas de carga; quando doentes, entulho inútil, guano com eles... E se melhorarem, podem vir vestir os arreios.

Oh! que bela Companhia, como ela trata tam bem os seus operários... E se estes, num justo agradecimento, puzerem em execução aquella doutrina deontológica do antigo chefe evolucionista, são capazes de, «modestamente», não gostarem muito de semelhante contumélia...

Tal é uma parte do célebre regulamento de 1 de Julho, pela qual a Companhia Nacional de Alimentação impõe o cadastro ao seu pessoal...

C. V. S.

A Conferência Inter-Alíada

Divergências entre a Inglaterra e a França

LONDRES, 4.—Os delegados franceses estão em desacordo com os delegados ingleses acerca da attitude a adoptar perante a Alemanha. A França deseja que se apresentem à Alemanha as conclusões a que os aliados chegaram para que esta nação se assine sem discussão. A Inglaterra deseja que fosse permitido à Alemanha apresentar o seu ponto de vista e discutir quaisquer questões de interesse secundário e propor a sua modificação, o que só traria como consequência uma mais fácil resolução das questões pendentes.

Este assunto ainda não foi discutido em conferência plenária e só o será depois das comissões terem apresentado os seus relatórios.

Desrespeitando o horário de trabalho

Numa obra da estrada das Amoreiras, J. C., ao Campo Pequeno, de que são construtores Almeida & Camilo, Limitada, este sr. Camilo disse aos operários no sábado que deviam trabalhar de ontem em diante, mais duas horas por dia.

De facto ontem assim sucedeu, porque esses operários parece não se lembrarem que o horário de 8 horas custou muitas canseiras e muitas vidas e que a crise na industria se vem acentuando, de maneira que estão cavando a sua própria ruína.

Sabemos, porém, que esses operários, ou porque os industriais não lhes pagavam as duas horas suplementares como precitava a lei, a dobrar, já hoje não trabalham mais que as 8 horas.

Suplemento de A BATALHA

O número de ontem do Suplemento literário de A Batalha apresenta-se encantado aos seus numerosos leitores. A começar pelo aspecto gráfico e pelas interessantíssimas gravuras, e através do texto, tudo concorre para um destaque inconfundível. Distinguido-se pela sua colaboração que é variada e selecta, o Suplemento literário de A Batalha trata de todos os acontecimentos mais importantes destes últimos dias. O número de ontem do querido semanário operário é um número brilhante.

A Associação dos Inquilinos e «A Batalha»

Recebemos a seguinte carta que gostaríamos de publicar:

«Sr. redactor principal de «A Batalha»:—Tm sido tantos e tam importantes os serviços prestados pelo jornal que V. Ex. tem superiormente dirigido a causa do inquilinato, já por meio de artigos emanados dessa redacção e inspirados nos mais nobres sentimentos de equidade e justiça—que esquecê-los seria um crime—já por meio da publicação de noticias enviadas por esta Associação que, ao favor da imprensa desta cidade, deve o estado florescente em que se encontra, que a Direcção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, a que muito me honro de presidir, bouve por bem e sob proposta minha conferir a V. o diploma de Socio Honorário desta colectividade, diploma que oportunamente esta Direcção terá a honra de, pessoalmente, entregar-lhe.

Espera esta Direcção que V. se dignará aceitar o Diploma conferido, honrando, assim, a Associação cujos interesses lhe estão, imerecidamente, confiados, e continuará a dispensar-lhe o mesmo benévolo acolhimento às suas noticias, de cuja acção tanto necessita para com mais facilidade se desempehar do espinhoso cargo de que foi investido.

Saúdes e Fraternidade. O Presidente da Direcção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, Manuel Joaquim da Costa

A revolução brasileira

O isolamento de país

BUENOS AYRES, 21.—Não se sabe nada acerca da situação brasileira. Apes chega aqui o boletim oficial das operações. A censura não deixa passar qualquer noticia particular. Os navios que chegam aos portos brasileiros são impedidos de estabelecer contacto com a terra de forma que é impossível receber qualquer informação.

A situação dos revoltosos

WASHINGTON, 21.—Noticias recebidas de Santos dizem que desembarcaram nesta cidade 4.000 soldados federais vindos do Rio Grande do Sul e de outros estados do Sul, acompanhados de artilharia ligeira e que a situação dos revoltosos era cada vez mais difficil.

Trabalhadores:

LEDE «A BATALHA»

A FRANÇA

vai reconhecer a Rússia soviética

PARIS, 21.—Herriot enviou antes de partir para Londres um telegrama a Tchitcherine comunicando-lhe a sua intenção de restabelecer proximamente as relações normais franco-russas protestando contra a recusa sistemática do visto nos passaportes dos cidadãos franceses que se encontram na Rússia.

Tchitcherine respondeu agora manifestando a sua satisfação pelas declarações amigáveis de Herriot e justificando o inconveniente apontado pelo chefe do governo francês com a falta de relações dos dois governos.

Pré-presos por questões sociais

Comissão central

Reúne hoje, pelas 21 horas, para tratar de diversos assuntos.

Pede-se a comparença do delegado dos compositores

CRONICA DE INGLATERRA

Um discurso

do ministro trabalhista inglês acerca da exploração dos senhores que entre nós seria considerado bolchevista e que afinal pretende apenas deitar um remendo na sociedade capitalista

Inicia hoje a sua colaboração nas nossas colunas, o sr. Adolfo Trindade, cujo nome desconhecido para muitos está entretanto ligado a quasi todas as lutas travadas nestes últimos anos em Portugal, pela liberdade. Por ser curioso transcrevemos a carta com que o nosso colaborador fez acompanhar o seu primeiro artigo:

Sr. Redactor do jornal A Batalha. Junto tenho a honra de enviar a V. um pequeno artigo que certamente encontrará o seu lugar nas colunas do jornal de que V. é meríssimo director.

Tinha apenas 14 anos quando em 1902, na cidade de Angra do Heroísmo, entrei no movimento que de ali expulso os jesuitas. Depois, em 1907, na greve académica contra a ditadura do João Franco; em 3 e 4 de outubro de 1910; no 14 de Maio, contra a ditadura de Pimenta de Castro; no movimento contra a ditadura de Sidónio Pais; nunca deixei o meu lugar de revolucionário da Liberdade contra a reacção.

E' portanto natural o meu desejo de ver aniquilada a ditadura que o capital tem procurado exercer sempre sobre o Trabalho e a este desiderar sacrificaria sempre o melhor dos meus esforços.

Creia-me, sr. V. muito dedicado, Adolfo Trindade. 1.º tenente de marinha, piloto aviador, cavaleiro da Legião de Honra de França e antigo governador civil.

Londres, Julho de 1924.

«Remorsos de um contribuinte. — O ministro das Finanças accusa a recepção de £ 200 de N. T. L. N., devidas por imposto de rendimento, sonçoados. Ora aqui está uma notícia, publicada no «Times» e que ninguém compreende em Portugal.

Os nossos capitalistas, banqueiros, industriais e comerciantes, mesmo que se fariam de explorar a Nação, julgam-se ainda e sempre com o direito e quasi com o dever de defraudarem o Estado.

Sonegando a maior parte dos seus lucros, deixando ficar no estrangeiro os que ali se realizam, falseando a importância das suas transacções, assim conseguem aqueles patriotas agravar cada vez mais, em seu exclusivo proveito, a situação económica da república. Esta é a sua ganância e astúcia que não é raro atingirem o cúmulo da exploração: esvaziarem as algebras do consumidor com a mão do Estado e ao mesmo tempo defraudarem o Estado à sombra do consumidor! Tal qual o conseguiu a Companhia dos Tabacos de Portugal.

E se um dia, todos aqueles que ao capitalista dão o melhor do seu trabalho manual e intelectual, pretendem finalmente fazer ouvir a voz da justiça, reclamando o que de direito ainda lhes pertence da parte de lei, que todo o capitalista julga que se lhe devia (pelo mesmo direito que a si se arrogava aqueles alucinados de bolchevistas, que para todo o capitalista é sinónimo o de salteador dos legítimos haveres de outrem.

E não se cansam os reaccionários de apregoar aos quatro ventos que a salvação da pátria (dos capitalistas) está no regresso ao regime do sr. D. Miguel, ou (magnánima condescendência) ao do sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

o sr. D. Manuel II. Torna-se necessário que o operário volte ao pedaço de pão duro e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruinar a saúde e atrofiar a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um còro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, accusando

Coliseu dos Recreios HOJE - às 21.45 (9.34) - HOJE

Extraordinária e emocionante sessão de LUTA LIVRE

Raoul Saint Mars, belga contra Samson, americano
Manuel Gonçalves, português contra Maugarde, francês
Devilliers, francês, contra Leskinowitsch, russo
Espectáculo sensacionalíssimo
Estreia da interessante bailarina e panhola
LOLITA GALVEZ
O mais barato espectáculo De LISBOA

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne amanhã, às 22 horas, para assunto inadiável.

Secção de Federações

Reúne hoje, pelas 21 horas, para um assunto inadiável, sendo indispensável a comparecência do delegado da Federação Marítima.

Também às 20 horas reúne a comissão organizadora da conferência dos secretários gerais para ultimar os seus trabalhos.

COMUNICAÇÕES

Federação Marítima. — Reúni o Conselho federal com a representação dos seguintes organismos: Calafates, Descarregadores do Barreiro, Almada, Alhandra, Estivadores do Porto de Lisboa, Descarregadores do Seixal, Pessoal de Cámaras, Descarregadores M. e T. Lisboa, Fogueiros, Marítimos de C. Zimbra, Marinheiros e Moços, Maquinistas Fluviais, Oficiais M. Mercante, Carpinteiros Navais, Descarregadores de Vila Franca, Marítimos de Abrantes, Fragateiros de Lisboa e Marítimos de Vila Franca de Xira.

Aprecioso o expediente confederal, verificando-se que os sindicatos estão em atraso com a Federação, e em especial o do sindicato dos Fragateiros de Lisboa, Marítimos de Olhão, e outros, aproveitando o Conselho uma moção de ordem de António dos Santos, para que o conselho mantenha as resoluções anteriormente tomadas, e que de futuro todos os sindicatos ao requisitarem o expediente confederal, o paguem logo, acto de entrega. Aprecia-se também o conflito dos trabalhadores com a casa que resolveram não trabalhar nos batelões da mesma casa.

Por proposta do delegado dos Estivadores foi resolvido que a comissão administrativa da Federação trate deste caso.

Sobre o caso dos Descarregadores do Seixal, António Fernandes Júnior, delegado da Federação, que foi àquela localidade inquirir o que havia, pois que esta fábrica recebeu um ofício da Federação de Cortiças Mundel, deu conta do seu mandato, e no qual o conselho aprovou para que se oficie aos Descarregadores daquela localidade para serem todos os trabalhos de cargas e descargas, à volta, para assim terminarem-se os conflitos, que até à data tem originado, e que não tem razão de ser.

Sobre a greve dos marítimos da Foz do Douro, o secretário geral da conta das demónias junto das entidades oficiais, não tendo conseguido solução alguma, ficando de amanhã entrevistar as mesmas entidades.

Resolven o conselho que a Federação envie circular aos sindicatos no sentido de se abrir subscrições pro dos grevistas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, deu conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamego que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical e portanto contra os princípios basilares do Sindicalismo Revolucionário.

Federação do Livro e do Jornal. — Reúni na passada sexta-feira com a presença dos delegados dos seguintes organismos: Compositores e Impressores Tipográficos, Litógrafos e Anexos, Conselho Inter-federal do Norte, e Fabricantes de papel de Tomar.

Foi lido vário expediente, dando-se o respectivo despacho. Foram apreciadas as razões ponderáveis da demissão de secretário geral da federação, António Mendes. Para o seu lugar foi nomeado António Monteiro, que igualmente representará este organismo no conselho confederal C. G. T., como delegado adjunto, vaga deixada por Alexandre Vieira, devido a motivos de saúde.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Conselho Federal. Reúne hoje, pelas 21 horas, para se ocupar dos seguintes trabalhos: Apreciar diversão expediente, nomeação do secretário de Relações Internacionais; apreciar os trabalhos da comissão nomeada para elaborar um parecer, em harmonia com a tese: «Aproximação de salúrios»; tomar deliberações tendentes a pôr em prática as resoluções do congresso, respeitantes à tese intitulada: «Crise de habitação».

Dada a importância e número dos trabalhos a resolver, era da máxima conveniência que a reunião começasse a hora para a qual foi convocada.

Federação de Calçado Couros e Peles. — Reúne hoje o conselho para continuação dos trabalhos pendentes do conselho anterior.

Impressores Tipográficos. — Reúne

Teatro Nacional HOJE - Às 21,30 horas - HOJE

OS DOIS GAROTOS

Nos dois protagonistas
EXITO RECRUDESCENTE
Para a próxima semana sobe à scena
A SEVERA

Na União Fabril

Continua-se oprimindo e explorando ignobilmente o pessoal

A Companhia União Fabril continua mantendo os seus processos odiosos de explorar operários, pagando-lhes salários irrisórios e de os oprimir, impedindo por todas as formas possíveis, sem excluir as mais arbitrárias que eles se organizem sindicalmente.

Nos tempos que vão correndo nada propício para semelhantes explorações e agressões, a Companhia União Fabril vai seguindo um caminho de que terá um dia que arrepiar fatalmente.

A secção da União Fabril no Barreiro, tem à sua frente o sr. João Silva que é além de gerente, um dos interessados nos capitais daquela companhia. Este indivíduo já de há muito se vem destacando como um agressor do pessoal.

Distinguiu-se noutros tempos pela perseguição acintosa que moveu aos militantes da antiga associação do pessoal. Ultimamente, tem perseguido vários operários por estes pretenderem reorganizar de novo a associação.

De facto que durante 2 meses esteve constituída uma comissão com intuito de reorganizar o sindicato. Essa comissão começou a trabalhar para evitar perseguições, por fazer os seus trabalhos de maneira a não ser surpreendida.

Um dia, o gerente sabendo do que se tratava, enfiou pela oficina de tanoeiros ordenando o despedimento do operário Augusto Saraiva, sob a acusação de que fazia parte dum complot para reorganizar o sindicato e que era ele uma das «cabças do motim».

E, o referido operário teve de abandonar a fábrica por ter cometido o único crime de pretender que os operários se sindicalizassem. Para se ser alvo de perseguições na União Fabril basta ler-se A Batalha.

Pelo lado da exploração merece apontar-se um facto sintomático: um tanoeiro que na indústria particular tem um salário que oscila entre 21 e 27 escudos, ganha na União Fabril, 10\$50.

Se trabalhar 10 horas, recebe 17\$50. Desta maneira o sr. João Silva força o pessoal a trabalhar 10 horas! Por outro se se produz um acidente de trabalho o operário é prejudicado porque é arbitrado um subsídio em relação ao salário de 10\$50. Tal é em resumo a deploável e aviltante situação em que se encontra o pessoal da União Fabril.

Uma pessoa, vira, em que o pessoal saia, acudir o juço que o oprime e virá tentar os seus esforços aos dos operários que lutam, pelos métodos de acção sindical, contra o patronato.

JOVETUDES SINDICALISTAS

Federação. — Comité Federal. — Reúne hoje, pelas 21 horas, juntamente com os membros nomeados ultimamente.

Núcleo de Lisboa. — Reúne amanhã pelas 21 horas, a comissão nomeada na última conferência de militantes juvenis.

Secção Metalúrgica. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão executiva, com os seus agregados.

SOLIDARIEDADE

Raúl Onório, Manuel A. Silveira, José Lopes e Bernardo Costa, que se encontram na cadeia do Limoeiro, receberam do grupo de solidariedade de Santo André a quantia de 4\$900.

Manuel Viegas Carrasalido, que se encontra no Limoeiro, recebeu as importâncias de 3\$200 e 3\$650, respectivamente dos quadros gráficos das Novidades e do Mundo.

Os presos por questões sociais da mesma cadeia receberam de António de Castro Baptista a quantia de 50 escudos.

Os que morrem

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral da companheira do presidente do Sindicato dos Chauffeurs Marítimos de Portugal, que sairá do Pátio da Galega, 4, 2.º.

ne hoje, às 21 horas, a direcção deste sindicato. Pedese a comparecência do camarada Carlos Dias.

Manipulações de Pão. — Convém-se todos os camaradas da comissão de melhoramentos a estarem hoje, pelas 11 horas, no Terreiro do Paço, a fim de entrevistarem o ministro da Agricultura.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Conselho de Secções. — Reúne hoje, pelas 21 horas, para tomarem posse os novos delegados indigitados para este organismo.

Conselho Técnico. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Fiscal.

Secção do Alto do Pina. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, para tratar de assuntos inadiáveis. A esta reunião devem comparecer os camaradas que por ofício para tal foram convidados.

Canteiros e Polidores de Mármore. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão revisora de contas a convite da comissão administrativa, para se poder convocar uma assembleia geral para a próxima quinta-feira.

EDEN Telefone Norte 3800 HOJE, às 9.34 da noite

EXITO EXTRAORDINARIO AS REVISTAS DE MAIOR EXITO de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos

O INCIDENTE entre os Descarregadores de Mar e Terra e Descarregadores do Porto de Lisboa

Algumas considerações oportunas

De há tempos a esta parte que entre os Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa e os Descarregadores do Porto de Lisboa, se debate uma questão que se não se tratar a tempo e horas, pode generalizar-se um embate entre as forças proletárias cujas consequências ninguém poderá evitar.

Alegam os camaradas descarregadores de Mar e Terra, que os chamados «lojais» fazem serviço que a eles pertencem.

Em parte os camaradas Descarregadores de Mar e Terra, têm razão. E porque? Eu explico.

Por todos os serviços, quer feitos nos cais, quer a bordo, pertencem a estes, porque são serviços de descarga e como tal não há razão de existirem dois sindicatos da mesma indústria na mesma localidade.

Isto meus amigos, é que é a verdade deira razão de ser, e todo o indivíduo que ama a verdade e que se diz fiel aos princípios básicos do Sindicalismo Revolucionário, deve empregar todos os seus esforços no sentido de evitar que tal desagregação se dê.

Sendo assim, julgo que ao pretender-se fazer o contrário, é um erro crasso, quer dum lado quer doutro, e, como acima digo, é trabalhar-se errado, e a missão de todo o militante é dar o seu esforço para que a unidade sindical seja um facto.

Devo desde já aqui acentuar que não me movem quaisquer paixões ou simpatias por esta ou outra classe, mas sim o bem servir a organização operária naquilo que lhe possa ser útil, sem peias nem sectarismos.

O que me anima e aclarar casos que porventura ainda possam estar um tanto ou quanto obscuros e que precisem ser esclarecidos com aquela clareza que é precisa para que se não dêem casos tristes como os que estão dando nestas duas classes para gáudio da burguezia.

E' deveras lamentável que as classes citadas se guerreiem, porque esta é a este trabalho, porque aquela quer também este trabalho, quando afinal tudo isto é originado ainda da sua má preparação.

O que é ainda lamentável é que os próprios militantes dessas classes, quando a sua missão era encaminhar o caso de modo que nada transpasse cá para fora para que a burguezia não batesse palmas de contente com este estado de coisas, são os que deitam a lenha na fogueira.

Isto é tudo quanto há de mais contraditório e até mesmo uma vergonha para a organização marítima e para toda a Organização operária portuguesa.

E andam todos estes camaradas a dizer em toda a parte que são pela unidade sindical. Pois então é necessário que este dito seja confirmado! Sendo todos de facto pela unidade e não pelo desmantelamento da Organização.

Eis o que queremos quando nos propozemos trabalhar para o levantamento moral das classes marítimas, para que a perfectibilidade humana seja um facto para que num dia mais próximo tenhamos uma sociedade mais bela, mais perfeita, enfim, para que a massa trabalhadora se livre dum vez para sempre dos seus algózes e se livre também de todos os preconceitos que a contaminam.

Dito isto, camaradas, bom será que estas duas classes de futuro tenham um pouco de ponderação e critério e que evitem todos os seus esforços no sentido de se conseguir a fusão dos dois sindicatos num só, para assim mais inteligentemente pudermos tratar dos seus interesses e para assim também cumprirmos com as bases naturais do Sindicalismo Revolucionário.

Conseguido este almejado fim, que é a unificação dos trabalhadores, teréis cumprido com o vosso dever, dando a vossa quota parte para que a emancipação dos trabalhadores seja um facto.

São estes os meus votos para que tudo fique em bem, e que de futuro não tenhamos de registar estas anomalias e nós, os militantes, trabalharmos para que possamos conceber em toda a sua grandza de que «A emancipação dos trabalhadores há-de ser obra dos mesmos trabalhadores».

Cova da Piedade, Julho 1924.

António Fernandes Junior
Descarregador de Mar e Terra, sindicalista

Aos assinantes da BATALHA

Brinde

O depósito geral de lanifícios de F. Ribeiro & C.ª Irmãos faz descontos especiais, vendendo pelos mais limitados preços. Fornecedores das Cooperativas do Banco Nacional Ultramarino e das Estabelecimentos Fabris do Ministério da Guerra

Secção de alfaiataria

PECAM AMOSTRAS

R. DOS FANQUEIROS, 267-1.º e 2.º

Não tem loja

Ver o Suplemento de A BATALHA

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

Está a venda a

1.ª série 10 tomos 5\$00

Ze Caminha, pelo impagável Antonio Gomes, da Trindade; O Bazaruto, pelo popular actor José Silva

FORMIDAVEL SUCESSO Maxixe americano, por Elias Santos e Bill Bailey. Fados, por Adeline Fernandes. A polka familiar, por Julia de Assunção e Otelo de Carvalho

Uma explosão faz voar um edifício policial

BERLIM, 21. — Comunicam de Sofia que o edifício da policia secreta búlgara foi destruída devido a uma explosão, que se supõe obra dos comunistas. Entre as vítimas, que são numerosas, morreu o chefe da mesma policia.

E' sempre crescente a actividade bolchevista nos Balkans, o que está causando certa ansiedade e preocupação não só aos reactivos governos mas também a Angora, pois Constantinopla passa por ser o quartel general donde são lançados todos os movimentos no Balkans.

Classes que reclamam

Chapeleiros do Porto

PORTO, 20. — Vai já na décima semana que se encontram em greve os operários da fábrica Vitorino de Almeida.

Estes operários que há tanto tempo veem sustentando esta heroica luta, apenas reclamam que se lhes pague pela tabela por que se nas fábricas de Braga se paga há muito a manufatura do chapéu.

Os industriais porém cheios de diheito do muito que têm explorado, pretendem fazer render os operários pela fome. Não só se recusam a pagar pelo referido tabelão, como querem ainda despir alguns operários que «não com vêm a casa». Os chapeleiros porém, não estão habituados a deixarem-se vexar por nenhum patrão estando por isso dispostos a sofrerem todas as privações mas não se curvaram ante uma imposição humilhante.

Foi resolvido pedir-se o auxilio material do operariado desta cidade. Ha listas que para este efeito já se acham impressas e não trazem o label confederal por um esquecimento lamentável do quem tratou deste serviço e não porque a associação dos chapeleiros não seja confederada.

Operários Barbeiros

Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia magna, devendo comparecer sócios e não sócios para apreciar um oficio pouco correcto dos lojistas e resolver o caminho a seguir perante os trabalhos da comissão de «demarches» sobre aumento de salário e regulamentação de horas de trabalho.

Trabalhadores do Porto de Lisboa

Reúni este organismo em assembleia geral para apreciar o movimento encetado contra a excessiva altura a que são levados os lotes de sacaria e ainda contra a renitencia que encontra da parte da Administração do Porto de Lisboa, para solucionar o conflito, sendo resolvido prosseguir no movimento encetado até serem atendidas as suas reclamações, continuando a classe em sessão permanente e apelando para a solidariedade de todos os trabalhadores que não devem ir trabalhar para os Entrepósitos da Administração do Porto de Lisboa.

OS QUE TRABALHAM

Não devem deixar de ir ver a peça do nosso falecido companheiro Ernesto da Silva

O Capital

que sobe à scena na próxima sexta-feira no Teatro Apolo, peça violentíssima onde se desenvolve a luta entre operários e patrões, em 4 actos e que tem os seguintes titulos

1.º A tramóia politica

2.º O 1.º de Maio

3.º A Greve

4.º A queda do capital

Ernesto da Silva, escritor operário que tanto pugnou pelas classes operárias que pela palavra quer no jornalismo e no teatro, tem nesta peça o seu maior trabalho

A cura das doenças pelas plantas

3.ª edição — Preço, 2\$00; pelo correio, 2\$50 — Pedidos à administração de A BATALHA.

Donativos para a compra de material tipográfico

Transporte 4.448\$76.

Quete aberta em Aviz, 10\$50; um es-
tador, 5\$00; 5 leitores de A Batalha
5\$00; António N. André, 1\$00; Francis-
co Pereira, 5\$00; Manuel Augusto Xa-
vier, 2\$50; Francisco Carvalho, 1\$00;
Jaime Soler da Costa, 1\$00; Carlos Vi-
cente, 2\$50; J. C., 1\$00; E. F., 2\$50;
A. P., 2\$50; B. Ferreira, 2\$50; M. A.,
1\$00; Maria F., 1\$00; Manuel Carva-
lhosa, 2\$50; António Dias, 1\$00; Vi-
torino Saraiva, 2\$50; 3 irmãos de Vieira
de Leiria, 2\$00; João Matias e Maria
Ferreira, 2\$00; Aníbal M. Borges, 2\$50;
Florinda Costa, 1\$00; João Lopes, 1\$00;
Virginia Lopes, 1\$00; Mário Costa,
2\$50; António G. Pereira, 2\$50.

Quete na fábrica de Augusto Casa do
Monte e C. (entre corticeiros) — Ben-
vidio Ramalho, 1\$00; José Argalha,
1\$00; Manuel Pardo, 1\$00; António José
Seabra, 1\$00; Augusto Prata, 1\$00; Ja-
nuario de Jesus, 1\$00; Ricardo Amado,
1\$00; António Balão, 1\$00; Tomaz Flo-
res, 2\$50; João Antonio Correia, 1\$00;
José Pires, 1\$00; Manuel Guerreiro dos
Santos, 1\$00; José Vieira, 2\$00; António
Bento, 2\$50. Soma, 16\$50.

Quete aberta na rua Actor Taborda,
n.º 37 — Joaquim Costa, 1\$00; José Mar-
tins, 1\$00; José Pinto, 2\$00; Manuel Pe-
reira, 1\$00; Daniel Augusto, 1\$00; José
Vitor, 1\$00; José Moraes, 1\$00; Bernar-
dinho Pinho, 1\$00. Soma, 18\$00.

Quete aberta por Carlos Nogueira, 1\$00;
Carlos Nogueira, 2\$00; Um Comercian-
te, 1\$00; Américo Simões, 1\$00; Um
cortador, 1\$00; O. P., 1\$00; Salvador
Silva, 1\$00; Francisco Vicente, 1\$00;
Quental, 1\$00; Luiz, 1\$00; João, 1\$00;
Faustino, 1\$00; Manoel Fernandes, 1\$00;
João Chaleir, 1\$00; Francisco Noguei-
ra, 1\$00; André T., Esteves, 1\$00; Abílio
Lopes Freire, 1\$00; Manoel Marques,
1\$00; Claudio dos Santos, 2\$50; Abel
Jorge, 1\$00; Costa Branco, 1\$00; Um sar-
gento de Marinha, 1\$00; Carlos Ribeiro,
1\$00; Manoel M., 1\$00; J. F. Paula,
1\$00. Soma, 31\$00.

Quete em Ferragudo — Manoel Bacal-
hau, 1\$00; Francisco Paula, 1\$00; Do-
mingos Quaresma, 2\$50; António Sam-
pão, 1\$00; Meo, 1\$00; Manoel Joaquim,
1\$00; José Sabino de Oliveira, 2\$50; An-
tónio do Espírito Santo, 2\$50; Manoel
Gouveia, 1\$00; Manoel dos Santos,
1\$00; João Rosa, 1\$00; José Luis Romão,
1\$00; Teodor José, 1\$00; José Bernardo,
1\$00; Francisco Estorinho, 1\$00; An-
tónio dos Santos, 1\$00; Inácio Dias Re-
go, 1\$00; José Rosa, 2\$00; Manoel Duar-
te Boia, 1\$00; Maurício da Encarnação,
1\$00; José Rosa, 1\$00. Soma, 28\$00.

Quete aberta em Alvalade na Sapa-
ria de Joaquim Maria Cândido: — Joa-
quim Maria Cândido, 5\$00; António
Francisco, 2\$00; Joaquim Manuel S.
Martinho, 1\$00; Eugénio Nobre Rapo-
so, 2\$00; Miguel José Bernardo, 1\$00;
António Damásio Ramos Cid, 1\$00;
Joaquim Miguel, 1\$00; Emílio Gaudêncio,
1\$00; Emílio Lopes Barreiro, 1\$00;
Francisco Almeida Pincho, 1\$00. Soma,
15\$00.

Quete na Barberia de António L.
Santos na Pareda: — António Luis dos
Santos, 1\$00; João Mateus, 1\$00; Ama-
do Augusto Rocha, 1\$00; Joaquim Ra-
mos, 1\$00; Um desconhecido, 1\$00; Um
revoluto, 1\$00; Francisco Neves dos
Santos, 5\$00; José da Costa, 2\$00; Adria-
no Gomes, 2\$50; José Joaquim Torres,
2\$50; João do Rosário, 1\$00; Joaquim
da Silva, 1\$50; José Cristo, 1\$50; An-
tónio Ceito, 1\$50; António Lourenço,
1\$50; Serafim Mateus, 1\$50; António
Pires, 1\$50; Francisco José Maria, 1\$50;
Francisco Ferreira, 1\$00. Soma, 28\$50.

Quete aberta no Pórtio entre um gru-
po de amigos: — José Moutinho, 5\$00;
Hérculo Cunha, 2\$50; Ludovico Princí-
pio, 2\$50; Crispiniano Cunha, 1\$00;
Luís Pacheco, 1\$00; Faustino Vicente Fer-
reira, 2\$50; Alberto Pereira Braga, 2\$50;
Manuel Pinto Júnior, 2\$50; J. P., 1\$00.
Soma, 20\$50.

Quete aberta na Pareda: — António
Vicente, 2\$00; Quirino Fernandes, 1\$50;
Augusto Moreira, 2\$50; Francisco G.
Flor, 2\$00; Manoel Gaudino, 1\$00; An-
tónio L. Corteira, 1\$00; Daniel Cos-
teira, 1\$00; António Moreira, 1\$00; João
Moreira, 2\$50; Francisco P. da Fonse-
ca, 1\$00; Adilino Sêco, 2\$50; José de
Oliveira, 1\$00; Manoel Neves de S.,
1\$00; António Bual, 2\$50. Soma, 22\$50.

Quete na oficina de pinturação V. A. Al-
ves e Flores: — José Nobre, 2\$50; António
Correia Gabriel, 2\$50; Manoel Martins
da Silva, 1\$50; Alberto de Almeida, 1\$00;
João de Brito, 1\$00; José Augusto Sal-
dania, 1\$00; Joaquim do Rosário No-
bre, 2\$00; Jacinta da Conceição, 1\$00;
Delmira de Brito, 1\$00; Maria da Con-
ceição Costa, 1\$00; Alexandrina de Je-
sus, 1\$00; Urrutia de Jesus, 1\$00; Bel-
mira de Jesus, 1\$00; Jovelina Marçal,
1\$00. Soma, 18\$50.

Quete entre os operários da Fábrica
Sulca: — José Maria dos Santos Cunha,
2\$50; José Roque, 2\$50; Carlos Sa-
mões, 1\$50; João Ribeiro, 1\$00; Manoel
do Sacramento, 1\$00; Carlos Vitor,
1\$00; António Afonso, 1\$00; Bernardo
de Almeida, 1\$00; Humberto, 1\$00;
Guilherme Iglesias, 1\$00; Joaquim Fer-
nandes, 1\$00; A. Alice, 1\$00; António Mar-
ques, 1\$00; Carlos de Oliveira, 1\$00;
João Pereira, 1\$00; João Nunes Azei-
to, 1\$00; Vital Jorge de Sousa, 1\$00;
José Afonso, 1\$00; Francisco Pessoa, 1\$00;
Carlos dos Santos, 1\$00; António Ro-
berto, 1\$00; Joaquim dos Santos, 1\$00;
António Simões, 1\$00; Carlos Soares,
1\$00; Manoel Iglesias, 1\$00; José Car-
valho, 1\$00; José Bento Carneiro, 1\$00.
Soma, 27\$50.

Quete entre o quadro tipográfico de
O Setubalense: — Joaquim Ferreira 1\$00;
José M. Lavrador, 1\$00; Henrique Ma-
tias, 1\$00; Leonídio Ferreira, 1\$00; Eu-
rício Maia, 1\$00; António D. de Moura,
1\$00; Augusto Neves, 1\$00; Pedro Lu-
is, 1\$00. Soma 8\$00. A transportar, 5.174\$51.

(*) Na soma total das listas publica-
das no dia 20 deve ler-se: 4.448\$76.

DESPORTOS

Hoje, no Coliseu do Recreio, realiza-
se uma extraordinária e emocionante
sessão de luta livre assim distribuída:
o belga Raoul Saint Mars contra o ame-
ricano Samson, o português Manoel
Gonçalves contra o francês Maudgare e
o francês Devilliers contra o russo Les-
kinowitsch.

Natação

Realizam-se no domingo na doca de
Belem as primeiras provas oficiais de
natação organizadas pela Liga Portu-
guesa dos Clubes de Natação. As classi-
ficações nas diferentes provas foram as
seguintes:

Quete numa sessão dos marítimos de
Faro, 33\$70; Agostinho Gomes, 2\$50;
A. R. Almeida, 5\$00; Fernandes Neves
Vidal, 2\$50; Joaquim Alves, 2\$00; Ama-
do dos Santos Paulo, 1\$50; Manoel Santos
Lopes, 1\$50; Ferreira, 1\$00; José Mar-
ques, 1\$00; António Lérias, 1\$00; Joa-
quim Ferreira, 1\$00; António Amaral,
1\$00; Henrique Lagiosa, 1\$00; Virgílio
Nascimento (Faro), 5\$00.

Quete aberta em Braço de Prata e
Santarém. — José Martins, 5\$00; João Jo-
sé de Sousa, 2\$00; Carlos Luis Paulino,
1\$00; Francisco Amorim, 1\$00; José An-
tónio Faria, 1\$00; Manoel da Silva, 1\$00;
Manuel Maria Tondella, 2\$50; António
Augusto Ferreira, 1\$00; José Lourenço,
1\$00; José Silva Azevedo, 2\$00; António
Cruz Moreira, 2\$00; Manoel Carapinha,
1\$50; Manoel da Costa, 1\$50; João Mar-
tins, 1\$00; Ernesto Sousa, 1\$50; João
dos Santos, 1\$00; J. F. Duarte, 2\$50;
Mário Roxo, 2\$50; J. V. F., 2\$50; Mo-
raes P. G., 2\$50; Joaquim Guilherme,
1\$00; Serafim Rocha, 1\$00; Luis Carva-
lho, 1\$00; Zelerino J. Sousa, 1\$00; An-
tónio, 1\$00; J. Pinto, 1\$00; José da Cos-
ta Patriarca, 1\$00.

Quete aberta na loja de Barbôro da
rua do Prior do Crato. — Delim G. De-
als, 2\$50; Olímpio Costa, 2\$50; Ernesto
Ramires dos Santos, 1\$00; Joaquim Cas-
tro, 1\$00; Alfredo Pereira Monhê, 1\$00;
Aníbal Neves, 1\$00; António Teixeira
de Sousa, 1\$00; Santos Chapelleiro, 1\$00;
Augusta da Silva, 1\$00; Sebastião Ro-
berto Martins, 1\$00; Francisco de Al-
meida, 1\$00; Mário Otilo Prata, 1\$00;
Joaquim Pires, 1\$00; Emílio dos Santos,
1\$00; Manoel de Sousa, 1\$00; Agos-
tinho Abrantes, 1\$00; João Pereira Ma-
rques, 1\$00; Joaquim F. Santos, 1\$00;
Mário Alves, 2\$50; Joaquim Luis, 1\$00.
Soma, 24\$50.

Quete aberta na tipografia dos Cami-
nhos de Ferro Portugueses. — António
Ciríaco A. Ribeiro, 2\$50; Joaquim J. Si-
mões, 1\$00; J. F. Margatho, 1\$00; Eu-
génio Sousa, 2\$50; Carlos A. Soares,
2\$50; Ruy Lucas, 1\$50; Domingos de
Oliveira, 1\$50; Manoel Martins, 1\$00;
Orléo Lucas, 1\$00. Soma, 14\$50.

Quete entre o Pessoal das oficinas da
Casa Holandesa. — Vicente, 1\$00; Boni-
fácio, 1\$00; Besinho, 1\$50; Monteiro,
1\$00; Nepomuceno, 1\$00; Nicolau, 1\$00;
Lulmira, 1\$00. Soma, 7\$00.

Quete aberta na Secção de Belem. —
João Pedro Pulido Junior, 2\$00; Artur
Marques, 2\$00; Germano Vicente da
Silva, 1\$00; Domingos Marques, 1\$00;
Joaquim Miguel, 1\$00; Francisco Baptis-
ta, 1\$00; Frederico dos Reis, 1\$00; Fran-
cisco Pereira, 1\$00; João Dias, 1\$00; N.
N., 1\$00; Manoel Martins, 1\$00; Vital
Baptista, 1\$00; António Brito, 1\$00;
Joaquim de Melo, 1\$00; João Gomes,
1\$00; João Maria Corado, 1\$00; José
Marques, 1\$00. Soma, 19\$00.

Quete na Casa Portuguesa. — José
Branco, 2\$50; Daniel Silva, 1\$00; Eduar-
do d'Oliveira, 1\$00; Joaquim Vieira,
1\$00; Joaquim Ramos, 1\$00; Joaquim
Silva Graça, 1\$00; Diamantino Freitas,

1\$00; Abílio Cortez dos Santos, 1\$00;
Giberto dos Santos, 1\$00; Gaspar Ra-
malhã, 1\$00; Matos, 1\$00; João Fonse-
ca, 1\$00. Soma, 13\$50.

Quete na fábrica de Augusto Casa do
Monte e C. (entre corticeiros) — Ben-
vidio Ramalho, 1\$00; José Argalha,
1\$00; Manuel Pardo, 1\$00; António José
Seabra, 1\$00; Augusto Prata, 1\$00; Ja-
nuario de Jesus, 1\$00; Ricardo Amado,
1\$00; António Balão, 1\$00; Tomaz Flo-
res, 2\$50; João Antonio Correia, 1\$00;
José Pires, 1\$00; Manuel Guerreiro dos
Santos, 1\$00; José Vieira, 2\$00; António
Bento, 2\$50. Soma, 16\$50.

Quete aberta na rua Actor Taborda,
n.º 37 — Joaquim Costa, 1\$00; José Mar-
tins, 1\$00; José Pinto, 2\$00; Manuel Pe-
reira, 1\$00; Daniel Augusto, 1\$00; José
Vitor, 1\$00; José Moraes, 1\$00; Bernar-
dinho Pinho, 1\$00. Soma, 18\$00.

Quete aberta por Carlos Nogueira, 1\$00;
Carlos Nogueira, 2\$00; Um Comercian-
te, 1\$00; Américo Simões, 1\$00; Um
cortador, 1\$00; O. P., 1\$00; Salvador
Silva, 1\$00; Francisco Vicente, 1\$00;
Quental, 1\$00; Luiz, 1\$00; João, 1\$00;
Faustino, 1\$00; Manoel Fernandes, 1\$00;
João Chaleir, 1\$00; Francisco Noguei-
ra, 1\$00; André T., Esteves, 1\$00; Abílio
Lopes Freire, 1\$00; Manoel Marques,
1\$00; Claudio dos Santos, 2\$50; Abel
Jorge, 1\$00; Costa Branco, 1\$00; Um sar-
gento de Marinha, 1\$00; Carlos Ribeiro,
1\$00; Manoel M., 1\$00; J. F. Paula,
1\$00. Soma, 31\$00.

Quete em Ferragudo — Manoel Bacal-
hau, 1\$00; Francisco Paula, 1\$00; Do-
mingos Quaresma, 2\$50; António Sam-
pão, 1\$00; Meo, 1\$00; Manoel Joaquim,
1\$00; José Sabino de Oliveira, 2\$50; An-
tónio do Espírito Santo, 2\$50; Manoel
Gouveia, 1\$00; Manoel dos Santos,
1\$00; João Rosa, 1\$00; José Luis Romão,
1\$00; Teodor José, 1\$00; José Bernardo,
1\$00; Francisco Estorinho, 1\$00; An-
tónio dos Santos, 1\$00; Inácio Dias Re-
go, 1\$00; José Rosa, 2\$00; Manoel Duar-
te Boia, 1\$00; Maurício da Encarnação,
1\$00; José Rosa, 1\$00. Soma, 28\$00.

Quete aberta em Alvalade na Sapa-
ria de Joaquim Maria Cândido: — Joa-
quim Maria Cândido, 5\$00; António
Francisco, 2\$00; Joaquim Manuel S.
Martinho, 1\$00; Eugénio Nobre Rapo-
so, 2\$00; Miguel José Bernardo, 1\$00;
António Damásio Ramos Cid, 1\$00;
Joaquim Miguel, 1\$00; Emílio Gaudêncio,
1\$00; Emílio Lopes Barreiro, 1\$00;
Francisco Almeida Pincho, 1\$00. Soma,
15\$00.

Quete na Barberia de António L.
Santos na Pareda: — António Luis dos
Santos, 1\$00; João Mateus, 1\$00; Ama-
do Augusto Rocha, 1\$00; Joaquim Ra-
mos, 1\$00; Um desconhecido, 1\$00; Um
revoluto, 1\$00; Francisco Neves dos
Santos, 5\$00; José da Costa, 2\$00; Adria-
no Gomes, 2\$50; José Joaquim Torres,
2\$50; João do Rosário, 1\$00; Joaquim
da Silva, 1\$50; José Cristo, 1\$50; An-
tónio Ceito, 1\$50; António Lourenço,
1\$50; Serafim Mateus, 1\$50; António
Pires, 1\$50; Francisco José Maria, 1\$50;
Francisco Ferreira, 1\$00. Soma, 28\$50.

Quete aberta no Pórtio entre um gru-
po de amigos: — José Moutinho, 5\$00;
Hérculo Cunha, 2\$50; Ludovico Princí-
pio, 2\$50; Crispiniano Cunha, 1\$00;
Luís Pacheco, 1\$00; Faustino Vicente Fer-
reira, 2\$50; Alberto Pereira Braga, 2\$50;
Manuel Pinto Júnior, 2\$50; J. P., 1\$00.
Soma, 20\$50.

Quete aberta na Pareda: — António
Vicente, 2\$00; Quirino Fernandes, 1\$50;
Augusto Moreira, 2\$50; Francisco G.
Flor, 2\$00; Manoel Gaudino, 1\$00; An-
tónio L. Corteira, 1\$00; Daniel Cos-
teira, 1\$00; António Moreira, 1\$00; João
Moreira, 2\$50; Francisco P. da Fonse-
ca, 1\$00; Adilino Sêco, 2\$50; José de
Oliveira, 1\$00; Manoel Neves de S.,
1\$00; António Bual, 2\$50. Soma, 22\$50.

Quete na oficina de pinturação V. A. Al-
ves e Flores: — José Nobre, 2\$50; António
Correia Gabriel, 2\$50; Manoel Martins
da Silva, 1\$50; Alberto de Almeida, 1\$00;
João de Brito, 1\$00; José Augusto Sal-
dania, 1\$00; Joaquim do Rosário No-
bre, 2\$00; Jacinta da Conceição, 1\$00;
Delmira de Brito, 1\$00; Maria da Con-
ceição Costa, 1\$00; Alexandrina de Je-
sus, 1\$00; Urrutia de Jesus, 1\$00; Bel-
mira de Jesus, 1\$00; Jovelina Marçal,
1\$00. Soma, 18\$50.

Quete entre os operários da Fábrica
Sulca: — José Maria dos Santos Cunha,
2\$50; José Roque, 2\$50; Carlos Sa-
mões, 1\$50; João Ribeiro, 1\$00; Manoel
do Sacramento, 1\$00; Carlos Vitor,
1\$00; António Afonso, 1\$00; Bernardo
de Almeida, 1\$00; Humberto, 1\$00;
Guilherme Iglesias, 1\$00; Joaquim Fer-
nandes, 1\$00; A. Alice, 1\$00; António Mar-
ques, 1\$00; Carlos de Oliveira, 1\$00;
João Pereira, 1\$00; João Nunes Azei-
to, 1\$00; Vital Jorge de Sousa, 1\$00;
José Afonso, 1\$00; Francisco Pessoa, 1\$00;
Carlos dos Santos, 1\$00; António Ro-
berto, 1\$00; Joaquim dos Santos, 1\$00;
António Simões, 1\$00; Carlos Soares,
1\$00; Manoel Iglesias, 1\$00; José Car-
valho, 1\$00; José Bento Carneiro, 1\$00.
Soma, 27\$50.

Quete entre o quadro tipográfico de
O Setubalense: — Joaquim Ferreira 1\$00;
José M. Lavrador, 1\$00; Henrique Ma-
tias, 1\$00; Leonídio Ferreira, 1\$00; Eu-
rício Maia, 1\$00; António D. de Moura,
1\$00; Augusto Neves, 1\$00; Pedro Lu-
is, 1\$00. Soma 8\$00. A transportar, 5.174\$51.

(*) Na soma total das listas publica-
das no dia 20 deve ler-se: 4.448\$76.

Em Coimbra

O povo contra a Câmara — A ve-
ração procura desculpar-se
das culpas que lhe cabem na
falta de água na cidade

COIMBRA, 19. — Ainda se não desfaz
da mente do público desta cidade a
grandiosa manifestação de protesto le-
vada a cabo por iniciativa dos munici-
pales do bairro alto da cidade, contra o de-
seio, incúria e incompetência dos ve-
readores.

O gesto covarde da vereação, fugindo
às responsabilidades que todo o povo
lhe ia lançando, e em rosto toda
a falta de inteligência e de cuidado
no bem da sanidade pública ameaçada,
é bem a prova de que tem culpas no
cartório.

Depois, não se pode por forma al-
guisa tolerar que, a câmara num insulto
aqueles que os elegeram tivessem pre-
mitidamente, um dia antes, requisitado
a força da G. N. R. para expulsar da
casa do povo; como lhe chamam, o
mesmo povo.

É certo que a força da guarda man-
teve de princípio uma atitude «passiva»
como costumam dizer-se, não procurando
pela violência fazer evacuar as salas do
senado camarário invadidas pelo legiti-
mo «povo», que ordenadamente queria
avistar-se com os seus representantes (?),
para lhes dizer o que entendiam
como povo que trabalha e que tem di-
recto a gozar. Exigindo «dêles» o cum-
primento do seu dever.

Mas, o illustre tenente da mesma
guarda é que não esteve pelos ajustes
muito tempo e, numa prolongada e
acentuada P. M. (é a falta delicada dos
homens de farda) ordenou, e depois a
toques guerrísticos, a imediata «retira-
da». — Porque de contrário, estamos
certos, era capaz de repetir-se a trage-
dia sangrenta de Silves.

«A população de Coimbra tem estado
a beber como boia — quasi pura — a
água que depois de servir nas máquinas de
fabricação de energia eléctrica, é lan-
çada na rede que a vai levar até aos di-
cêncios, saindo ainda quente pelas tor-
res clinicas que tratam do assunto e en-
fim, pelo engenheiro sr. Araújo com quem li-
vemos ocasião de conversar. «Dizem
mais ainda os srs. médicos, que o grau
que a água traz, ao sair das máquinas,
pois vem quente, é o mais propício para
o desenvolvimento das bacterias de mi-
crobios, etc., etc.»

Ora isto, com franqueza, chega a pro-
duzir em nós, como de certo em toda a
gente a maior repulsa e condenação. E
no entanto, os srs. edis camarários não
ignorando absolutamente nada do que
estamos escrevendo, calam e consen-
tem.

E agora todo o povo, informado com
verdade do que se passa com respeito
às impurezas da água, criminosamente
consentidas adulteradas, que pronuncie
a sua sentença.

Não procura agora a câmara munici-
pal «desculpar-se» em notas officiosas
como pretende fazer quando da falta
de água por ocasião do incêndio de há
dias na rua do Colovêlo, no bairro alto
da cidade. Não! Não procure fazê-lo!

Comuna Spartacus — Reine ama-
nhã, pelas 21 horas, para deliberar so-
bre a comemoração da semana interna-
cional e apreciar a conduta de dois fi-
liados a comissão administrativa. Nessa
reunião será tratada a forma de pre-
star auxílio à Batalha.

Legítimo metal Auer única pri-
legiada e acreditada universalmen-
te por ser a que faz melhor faísca
e que tem maior duração.

Dizão 60 centavos
cuidado com as imitações
Venda aos centos e aos mil
milhares, assim como isqueiros,
fósforos, pilas e lâmpadas, etc.
melhores preços para revenda.
Pedidos a

CARLOS A. SANTOS
Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Todas bebem e todos gostam
do magnifico refrigerante Centazzi, fabricação de

A. CENTAZZI, L. DA
Diuretico e estomacico

Pedir em toda a parte

VIDA POLITICA

Comuna Spartacus — Reine ama-
nhã, pelas 21 horas, para deliberar so-
bre a comemoração da semana interna-
cional e apreciar a conduta de dois fi-
liados a comissão administrativa. Nessa
reunião será tratada a forma de pre-
star auxílio à Batalha.

EDEN-TEATRO

«Aguas passadas» — revista das revistas

Successão de números e quadros de
revistas de mais êxito da esportosa
parceria Ernesto Rodrigues, Félix Ber-
mudes e João Bastos; é a revista «Aguas
passadas» que o empresário-actor Otilo
de Carvalho leva agora a scena no Eden.

Aproveitada a ideia da Companhia
Velasco, há pouco na Trindade, parece-
-nos útil esta «abatin» porque nos
vem recordar números que fizeram épica
não só pela música como pelo cómico
das frases, e neste caso estão a canção
da varina vai ao conde, o fado do pão
ordinário e a scena do carro eléctrico,
que o Otilo de Carvalho que a criou,
a faz de novo.

Não se trata de novidades, trata-se
sômente de reviver o que há anos, em
vários palcos, tem produzido o agrado
do público, apreciador deste género de
teatro.

Está feita a critica de todos esses pe-
quenos, actualmente mais ou menos li-
gados nesta revista das revistas.

Resta pois uma referência à indumen-
taria da peça, que entregue à pericia e
honestidade simplicidade do costumier por-
tuguês Jaime Valverde, não desmente o
gosto do vestidor que consegue fazer
arte, sem espalhatos de côr e exageros
de manufacturas.

O desempenho muito cuidado está a
cargo como figuração principal, de An-
tónio Gomes, José Silva, Aurélio Ri-
beiro, Alfredo Silva, Roldão, Júlia de
Assunção, Eliza Santos, Adalina Fernan-
des e Luisa Durão, tendo dansado bem
o bailarino excentrico Bill Bailey. Des-
tacam-se no grupo coral, três ou qua-
tro rostos gentis que em geral ocupam
as extremidades, o que serve a contem-
tar os dois lados do teatro.

Muito bem cantadinho, no 2.º acto, o
minuete de Bocherini, pela actriz Ade-
lina Fernandes e Luisa Durão. É um
número fino este das «debaixadas».

O público não perde o seu dinheiro,
indo ouvir as «Aguas passadas».

Nogueira de BRITO
«O Capital»

Sob o Apolo, em 25, a grande peça
do vigoroso escritor Ernesto da Silva
que trata da terrível luta entre o capi-
tal e o trabalho.

É uma peça que enche de grato con-
sôlo o coração honesto do trabalhador
operário e está interpretada, com um
carinhoso interesse, por toda a Com-
panhia.

Na peça entram nomes de valor, como
Henrique de Albuquerque, João Silva,
Teodoro Santos, Jorge Graça, Valério
de Ralanto, José Vitor, Abílio Baptista
e outros e Maria Santos, Amélia Trajano
e Lusitana Sayal.

A peça está despertando uma grande
interesse sendo os 4 actos os seguintes
titulos: 1.º A Tramoia politica; 2.º O 1.º
de Maio; 3.º A Greve; 4.º A Queda do
Capital.

Réclames

Devido ao belo êxito que os «Dois
Carotos», estão obtendo no Nacional a
empresa resolveu dar ainda esta sem-
ana espectáculos com o vibrante e em-
ocionante melodrama onde as gentis ac-
trizes Ildi-Sichini e Ester Leão têm os
primários papeis.

— Os mais atraentes números das
famosas revistas de Ernesto Rodrigues,
Félix Bermudes e João Bastos, podem
agora, todos reunidos, ser apreciados
na revista do Eden, intitulada «Aguas
passadas». Por isso a concorrência ao
Eden não diminuir, nem faltam, ali,
aplausos entusiásticos à interpretação
que dá à peça a Companhia Otilo de
Carvalho.

Realiza-se hoje no Coliseu dos Recre-
ios a estreia da interessante bailarina
espanhola Lolita Galvez que tem baila-
dos originalíssimos.

A notavel cantora Beatriz Britista e a
admirável bailarina Wanda Szwernowa,
que ontem fizeram a sua estreia, obte-
veram um extraordinário successo, sendo
muito aplaudidas.

Hoje repete-se o magnifico progra-
ma de ontem.

Obras raras de Emilio Zola

«Nãno

22-7-1924

Os Mistérios do Povo

N.º 202

—Escuta... se tu não apagas o archote no mesmo instante entre os joelhos, mando-te agarrar pelos homens, e apago-te na garganta...; escolhe pois, e imediatamente.

Uma nova explosão de hilaridade provou ao velho gaulez que não devia esperar mercê dos francos. Olhou chorando para as suas débeis e trêmulas pernas; depois, cedendo a uma última esperança, disse ao clérigo com voz suplicante:

—Meu bom padre em Deus... em nome da caridade... interceda por mim ao senhor conde.

—Senhor, peço-lhe por este homem.

—Clérigo! este escravo pertence-me, ou não me pertence?

—Pertence-lhe, nobre senhor.

—Poderei dispor do meu escravo como quizer, e castigar-o também?

—Está no seu direito, meu soberano senhor.

—Então que apague depressa o archote entre os joelhos, senão juro-lhe pelo grande São Martinho, que lho apagarei na garganta.

—Meu bom padre em Deus... interceda por mim...

—Meu querido filho... é preciso resignado aceitar os males que o céu nos envia...

—Avias-te? exclamou o conde batendo na mesa com o cabo da sua grande faca... Basta de palavras... escolhe: os teus joelhos ou a tua garganta por apagar... Hesitas...

—Não, não, meu senhor... eu obedeco.

O escravo, todo trémulo, aproximou o archote dos joelhos, e quiz de repente acabar aquela tortura; afastou um pouco as pernas, depois apertou-as por duas vezes convulsivamente a fim de apagar o entre os joelhos, o que conseguiu sem poder conter um grande grito de dor; e tão violento foi o seu sofrimento, que o velho caiu de costas quasi privado dos sentidos.

—Cheira a cão assado, disse o conde dilatando as ventas do seu nariz de ave de rapina; e aquele cheiro de carne assada causando-lhe prazer, sem dúvida, exclamou como inspirado de uma ideia súbita:

—Meus valentes leudas, a prisão do burgo parece-me que está bem guardada... Temos acorrentados no ergástulo, em primeiro lugar, Ronan o Vagiro e o eremita lavrador... ambos quasi curados agora das suas feridas; a pequena escrava loira, essa não está ainda curada e continua moribunda. Temos também a formosa bispa, não ferida, mas endiabrada...

—Mas, conde, replicou um dos leudas, que queres tu fazer desses malditos Vagiros, da pequena Vagira, e dessa formosa bruxa, que foram conduzidos para aqui depois do combate dos desfiladeiros d'Alange?

—Ah! é pena que não tenham eles milhares de membros para serem queimados, a fim de expiarem a morte dos nossos companheiros de armas, a quem mataram nesse combate dos desfiladeiros de Alange e em outras batalhas!

—Queres tu, conde, que eles sejam julgados aqui?

—Não, não... Não de ser julgados em Clermont; o bispo Cautin, meu patrono, deseja fazer parte do julgamento, oh! pelo *Aguiar terrível!* meu avô, que estolava vivos os seus prisioneiros, o Vagiro, o eremita renegado e as duas feiticeiras serão todos quatro supliciados; mas não é deles que se trata esta noite...

Falando-lhes dos prisioneiros do ergástulo, meus bons leudas, queria dizer que temos lá um dos meus escravos domésticos acusado de furto pelo escravo cosinheiro; este afirma o roubo, o outro nega-o, qual dos dois mente? se para conhecer a verdade nós nos divertissemos, antes de nos irmos deitar, em sujeitar aqueles dois rapaziños à prova da água fria e dos ferros em brasa, segundo a nossa lei dos francos-sábios, lei que rege hoje a Gália nossa conquista?

O tribunal está reunido: o conde, assentado, preside ao *málh*; sete leudas acham-se presentes... Os escravos porta-archotes estão em pé por detrás dos juizes; o tribunal está vivamente alumado, o fundo da sala, onde se acham os outros leudas e os guerreiros do burgo, fica numa quasi escuridão onde se projecta vermelha claridade saindo de um grande rescal-

do, que o ferro das cavalariças atira e as sopras; naquele brazeiro estão as nove relhas; defronte do brazeiro, jaz enterrada, ao nível do terreno, a imensa tina cheia de água; ao pé do tribunal o escravo acusado de furto está amarrado; é novo e encara os juizes com espanto; o acusador, homem de idade madura, contempla o tribunal com serenidade. A roda de cada um daqueles dois-homens-homens, estão, segundo o costume, seis outros escravos conjuradores escolhidos pelo acusador e pelo acusado, para afirmarem debaixo de juramento que pugnã pela verdade.

—Julguemos! julguemos! disse o conde bocejando! Tu, meu mordomo, torna a repetir a esse escravo de que crime o acusa o cosinheiro.

—Justino, escravo cosinheiro de nosso senhor conde, estava sósinho na cozinha; na mesa achava-se uma pequena escudela de prata para uso da senhora Godegisela, nobre esposa do senhor, Pedro, estoutro escravo, entrou na cozinha carregado de lenha; logo depois de se ter retirado, Justino reparou que a escudela tinha desaparecido; veio denunciá-lo-me, a mim, mordomo, o furto de que ele acusa Pedro; ao que lhe respondi que se cortaria uma orelha a ele Justino, se a escudela não se encontrasse; respondeu-me que jurava pela salvação da sua alma dizer a verdade, e que o ladrão era este escravo.

—E ainda o repito, senhor conde, se a escudela foi roubada, não pode ser outro ladrão senão Pedro, que está presente... Juro pelo paraíso que estou inocente! os meus conjuradores estão prontos a jurar como eu o mesmo pela sua salvação.

—Sim, sim... replicaram em côro os seis escravos; nós juramos que Justino está inocente do furto; assim o juramos pela nossa salvação...

—Ouve, cão? disse Néroweg voltando-se para Pedro. Que tens que responder? o que foi feito da escudela que eu trouxe do saque da cidade de Issoire... Respondes ou não respondes, cão?

—Senhor, eu não roubei a escudela, nem sequer a vi em cima da mesa... os meus conjura-

dores estão prontos a jurar como eu pela sua salvação...

—Sim, sim... replicaram em côro os conjuradores do acusado, Pedro está inocente, nós o juramos pela nossa salvação.

—Meu querido irmão em Cristo, disse o clérigo ao acusado, sabe que é um grande pecado o roubo, e outro grande pecado a mentira... o Todo-Poderoso vê-te e ouve-te...

—Meu bom padre, eu temo muito o Todo-Poderoso, cumpro os seus mandamentos que tu nos ensinas, sofro as minhas misérias com resignação, obedeco a meu senhor conde com a submissão que tu me ordenas a fim de alcançar o paraíso; mas juro-te que não roubei a escudela...

—Senhor conde, juro-lhe pelas penas eternas que não roubei a escudela...

—E eu, Justino, sustento que Pedro deve ser o autor do roubo... visto que estou inocente...

—Justino afirma, Pedro nega, e eu, Néroweg, ordeno que para se ficar sabendo a verdade, sujeitem um à prova da água fria e o outro à prova dos ferros em brasa.

—Senhor conde, disse o clérigo, tu ordenas que o acusador e o acusado se sujeitem ambos à prova; mas se o julgamento do Todo-Poderoso provar que o acusado é criminoso, o acusador não ficará também declarado inocente? Então de que serve sujeitar os ambos à prova?

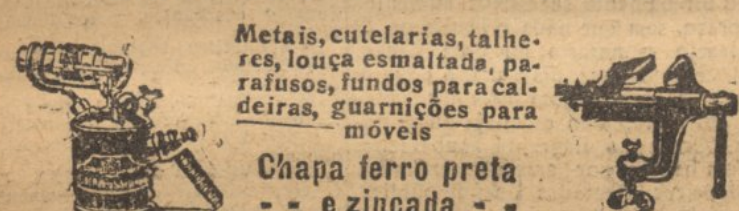
—Clérigo... e se o acusador e o acusado se tivessem entendido para roubar a escudela? e se para afastar as nossas suspeitas eles se acusassem mutuamente?... não vês que a prova dirá se ambos são inocentes ou culpados, ou se um é só culpado e o outro inocente?

—Sim, sim, gritaram os leudas, regosijando-se antecipadamente com a ideia deste espectáculo, venha a prova dupla...

—Eu não temo a prova, disse Justino com voz firme. Deus testemunhará a minha inocência...

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS



Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

TELE 3930, N. gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86-- LISBOA

"Pó RODRIGUES"

O mais eficaz DESTRUIDOR de baratas, pulgas, formigas, percevejos, etc.



UNICOS DEPOSITARIOS

SALVADOR BARATA, L.ª

19-A, Rua das Gaivotas, 19-C

LISBOA TELEFONE C. 5467

A'S CLASSES POBRES

CONSULTAS AOS PREÇOS — DAS POLICLINICAS —

TRATAMENTO DA SIFILIS

DOENÇAS das senhoras e crianças — Dr. Marinho, às 11 horas.

Clinica geral e doenças pulmonares — Dr. Raul Faria, às 11 horas.

Doenças do estômago, intestinos, fígado e países quentes — Dr. Bruto da Costa, às 14 horas.

RUA DO OURO, 172, 2.ª

Alfaiataria VITORIA

Santos & Pereira

Rua do Bemfornoso, 118

Variado sortido de fazendas nacionais e estrangeiras dos melhores fabricantes — Confecções para homens, senhoras e crianças

FATOS A FEITO DESDE 180\$00

OS ECONOMICOS DEVEM VISITAR ESTA CASA

FÁBRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244--LISBOA

1.ª Casa das BANDEIRAS E ESTANDARTES

Vendem-se e alugam-se, e Mariotas, — 149, R. dos Correios, 151--Lisboa. Alfaiataria com fazendas baratas e Fiel.

NOVIDADE LITERARIA

Acaba de aparecer o 1.º número da emocionante *Novela Oculista* — Um sortido — por Lhu Masc. Araújo. Todas as requisições tatic de Lisboa com das provincias devem ser feitas a administração de A Batalha.

Espingardaria DIANA

João Ferreira Braga

Espingardas dos melhores fabricantes e todos os acessórios

Representante da ma. "ELEPHANT" ravilhosa espingarda

A única que mata a 100 metros

Grande depósito de sementes da antiga CASA VERSCHOORE

Estadinhos de Santa Justa, 96

31

E' o número da porta da Nova Ourivesaria de Peixoto, Maia & Pinheiro, L.ª da, rua de São Paulo, (junto ao arco), Ouro, prata, joias, moedas de ouro e dentaduras velhas. Não vendam sem consultar os nossos preços. Vendemos por preços limitadíssimos em novo e 2.ª mão, joias, objectos de ouro e prata. Sucursal, rua de São Paulo, 114. Telefone 1322 C.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Louças de ferro esmaltado e estanhado, zinco estanhado — Regulo de antimônio e mangueiras — Redes de arame — Bigornas, cavaletes, safras, tornos e engenhos de furar; foles, arames de bicos, etc.. Cabo de arame e apetrechos marítimos

Cravo de ferrador

DESCONTO AOS REVENDEDORES

SERAFIM & LOPES, L.ª

Rua de São Paulo, 43 a 47 — T. dos Remolares, 50 e 52

TELEFONE CENTRAL 844

Calçado PACKARD

ABSOLUTAMENTE GARANTIDO

Preço para todas as qualidades 95\$00

DEPOSITO DA FABRICA

149, Rua Augusta, 149

LER "O Suplemento de "A Batalha"

IMPORTANTE

SEGUROS MARITIMOS

"A MUNIAL" participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em epólices fluctuantes. Dirigir-se a

A. MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

capital inteiramente realizado, Esc. 600.000\$000--Reservas, Esc. 749.051\$80,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95--Tel. 3891 R. Sá da Bandeira, 331, 1.ª

Para conseguir cabeleiras assim



Usa o Óleo de Mão de Uva

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa. 50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos. — Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

Pertumaria Mendonça

43, CALÇADA DO COMBRO, LISBOA

31

Agência no Porto

43, RUA DO ALMADA, 245

3.ª edição

A BATALHA

3.ª edição

A BATALHA

A BATALHA

A BATALHA

Fatos completos

Actualmente liquidação de saldos das Estações anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

P. H. D'OLIVEIRA & C.ª

Casa fundada em 1895

Sede Social: Rua 24 de Julho, 148

Endereço telegráfico: MATERIAIS

Telefones C. 128 e C. 13--LISBOA

Secção de Materiais de Construção, Madeiras para Construções, Marcenarias, Tanoarias, etc.

Artigos sanitários: Bacias, Bidés, Autoclismos, Banheiras, Esquentadores, etc.

Artigos cerâmicos: Azulejos, Ladrilhos, Mosaicos, Tubos de barro e grés, Vasos, Pirâmides, etc.

Drogas, Tintas, Agua-rás, Resina, Produtos Químicos, Enxofres, Sulfato de cobre, Carboretos, etc.

Matérias primas para indústrias.

Papéis para embrulho, sacos, fio, papelão, etc.

Secção de Liçitei para pavimentos e isolamento de tubos.

ADUELAS ITALIANAS E AMERICANAS

Rua 24 de Julho, 148 — Telefones 13 e 128 C.

Secção de Metais: Ferro em vigas, Barramentos, Cantoneiras, Tés, Arames, Chapas, Arcos, Ferro para fundição, Chumbe em barra e chapa, Zinco em barra e chapa, Estanho Cordeiro Bandeira, Antimônio, Alumínio, Carvão, etc.

Rua Vasco da Gama, 34—Telefone 2950.

Secção de Ferragens e Ferramentas, Fechaduras, Machas-fêmeas, Pregos, Parafusos, Molos, Martelos, Formões, Plainas, Serras Brocas, Verrumas, Louças de ferro esmaltado, Canivetes Facas, etc.

Rua do Comércio, 9 a 13—Telefone 178 C.

Secção de Drogas e Produtos Químicos: Perfumarias, Alcaide, Cloroto de cal, Potassa, Carboreto, Grudes, Esponjas, Tintas, decorações, Vermizes, Especiarias farmacêuticas, Quinino, Eter, Iodo, cessa para pulso, Iodeto, etc. Sabonetes, Essências, Essências para bebidas, etc. malja.

Rua do Comércio, 1 a 5—Telefone 178 C.

Agência no Porto

43, RUA DO ALMADA, 245

A BATALHA

A BATALHA

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.ª

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegro, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

A NACIONAL

FÁBRICA DE MALAS CARTEIRAS E PELARIA

DE CASSIANO, TEIXEIRA & VEIGA, L.ª

REPARAÇÕES

Carteiras, Malas, Bolsas, Pastas em cabedal, seda, veludo, etc.

Monogramas e Aplicações em ouro e prata

Confecções de peles

Tinturaria em todas as cores e limpeza de toda a qualidade de tecidos, roupas, peles, boás, plumas, cabedais, calçado, luvas, feltros, etc.

VENDA E REVENDA

Meias de seda e fio de escócia, peúgas para homem em seda, algodão e fio de escócia por preços resumidos

RUA DA PALMA, 34, 1.ª — LISBOA

Telefone N. 3624

A ACTIVA

End. Teleg. ACTIVA

TELEF. 1601-3474

Construções civis